

MARIA DE LOURDES BELCHIOR E O BARROCO

ISABEL ALMEIDA*

Resumo: *Maria de Lourdes Belchior distinguiu-se especialmente como hispanista e como estudiosa da literatura do século XVII. No seu trabalho, porém, percebe-se uma clara relutância em aceitar plenamente o conceito periodológico de barroco. Não se trata de uma recusa pontual, mas sim de uma posição constante, observável em diacronia, desde a década de 50, em que Maria de Lourdes Belchior concluiu a sua tese de doutoramento. Dir-se-ia que, ao arrepio do contexto em que se moveu, marcado por sinais e iniciativas de reabilitação e valorização da ideia de barroco, Maria de Lourdes manteve, em relação a esta ideia e às vantagens da sua aplicação, uma funda desconfiança. Porquê? Tal é a questão a que se procura dar resposta.*

Palavras-chave: *Belchior; literatura; período; barroco.*

Abstract: *Maria de Lourdes Belchior was a distinguished Hispanicist and has excelled as a scholar of 17th century literature. In her work, however, one can notice a clear reluctance to fully accept the periodological concept of baroque. This is not a one-off refusal, but rather a constant position, observable in diachrony, since the 1950s, when Maria de Lourdes Belchior completed her doctoral thesis. It could be said that, despite the context in which she moved, marked by signs and initiatives of rehabilitation and valorization of the idea of baroque, Maria de Lourdes maintained, in relation to this idea and the advantages of its application, a deep distrust. Why? This is the question we seek to answer.*

Keywords: *Belchior; literature; period; baroque.*

Permitam-me, em jeito de preâmbulo, um breve testemunho pessoal. Por volta de 1986, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tive o privilégio de, sob a orientação de Maria de Lourdes Belchior, frequentar um seminário de Literatura Portuguesa e navegar por textos do século XVII então geralmente esquecidos. Foi uma viagem estupenda, da qual sempre «quero acordarme» (Cervantes 1958, p. 34)¹. Graças à *Professora Belchior* (seu respeitadíssimo nome, entre nós), descobri, por exemplo, um Padre António Vieira de assombrosa audácia, pronto a denunciar misérias, abuso e corrupção, parodiando, frente ao vice-rei do Brasil, em 1639, versos célebres de Camões (Vieira 1959, t. IX, pp. 325-349)²; ou um Padre António Vieira pronto a comparar as senhoras da Baía a papagaios de «juízo [...] verde» (Vieira 1959, t. XII, pp. 151-183)³ e a censurar-lhes (às senhoras...) a vaidade que, tornando-as desdenhosas da devoção do rosário (cultivada em língua vulgar, nas orações do Pai Nosso e da Ave-Maria), as levava a preferir o breviário. Um escândalo, para Vieira, céptico acerca da

* FLUL / Centro de Estudos Clássicos. Email: isalima@letras.ulisboa.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4052-340X>.

¹ Recorde-se o início da *Primera parte del ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*: «En un lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme»...

² Trata-se do «Sermão da Visitação». Veja-se especialmente a p. 329: «É verdade que nunca se viu esta província [Brasil] tão autorizada como agora, mas podem-lhe servir os títulos de epítáfios, que pois a vemos levantada a vizo-reino entre as mortaldas, bem se pode dizer por ela também: que depois de ser morta foi rainha».

³ A dado passo deste sermão — o XXII de *Maria Rosa Mística*, i.e., dos Sermões do Rosário (p. 177), Vieira pergunta: «Aquele que ora, ou cuida que ora, sem entender, nem saber o que diz, quem não vê, que é semelhante ao papagaio? Só quem tiver o juízo tão verde como eles, não verá a verdade desta semelhança, e muito mais a deformidade dela».

competência latina das mulheres (de qualquer mulher que não fosse nem santa nem rainha) e, sobretudo, horrorizado perante a ideia de que alguém pudesse rezar — pudesse *dizer* — sem saber e sem sabor.

Maria de Lourdes Belchior animava-nos a ler com olhos curiosos; estimulava em nós a escuta da voz longínqua, amiúde intemporal, de autores como Pero Roiz Soares, Frei Luís de Sousa, Frei Alexandre da Paixão, Tomé Pinheiro da Veiga...; incitava-nos a observar os textos e a buscar neles sinais de uma mundividência. Maria de Lourdes Belchior queria entender a visão do mundo — e a dimensão espiritual — plasmada na escrita de indivíduos dotados de uma alma. Nada disso é despreciando quando tentamos apurar o que vale, na sua obra, o *barroco*.

Não haverá, nos estudos literários, campo mais controverso nem mais sujeito a mudança e revisão do que o da periodologia. Para quê distinguir, no grande rio do tempo, partes ou secções? Se o fizermos, desejando uma compreensão integradora (*i.e.*, não atomizada) do passado, como definiremos períodos heurística e hermeneuticamente operativos⁴? Hoje, lidar com estes conceitos não significa apenas reconhecer, dentro de determinadas balizas cronológicas, o predomínio de um conjunto de traços — um abstracto quadro de referência ou um horizonte de expectativa, em função dos quais se ilumina o nosso olhar e afina a nossa capacidade de interrogar. Hoje, lidar com conceitos periodológicos significa também ler reconhecendo a cada texto uma histórica legitimidade: um lugar numa dinâmica rede de relações; características, sejam elas quais forem, susceptíveis de indagação.

Sublinho: hoje, mercê de relevantes transformações ocorridas em diacronia. Por que motivo(s) uma hispanista assumida, uma prestigiada investigadora do século XVII como Maria de Lourdes Belchior, nunca se deixou seduzir pelo título de *especialista do barroco*? Tal é, aqui, a questão.

Fixemos uma data: 1953, ano da conclusão da tese de doutoramento, *Frei António das Chagas — um homem e um estilo do século XVII*. Maria de Lourdes Belchior, como quem visa situar-se, esboça no seu limiar este panorama crítico:

A renovação dos estudos gongorinos que se deve, sobretudo, a Dâmaso Alonso e Alfonso Reyes, veio [...] abrir caminho à revisão dos critérios que tinham assinalado o século XVII como período de decadência, e época de mau gosto literário.

Simultaneamente, quase, começou a rever-se e a valorizar-se o barroco como período artístico, e, por extensão, esboçaram-se as primeiras reabilitações do seiscentismo como época literária (Belchior 1953, p. 68).

⁴ Veja-se Silva 1983, pp. 339-401; Buescu 2001a, cols. 61-75.

Parecia assim colocar-se, a autora, do lado de quantos reclamavam uma perspectiva reformista. Na verdade, porém, o lexema *barroco* manteria fortes conotações negativas no seu trabalho, onde não raro se percebe o tom dos detractores das letras de Seiscentos (desde Verney), na qualificação de textos e géneros como «monstrozinhos poéticos» (Belchior 1953, p. 111) ou manifestações patológicas («peste»⁵...), condenáveis pelo «arrepador mau gosto» (Belchior 1953, p. 89) e pelos «vícios de estilo» (Belchior 1953, p. 314).

Não há, em *Frei António das Chagas — um homem e um estilo do século XVII*, o entusiasmo que, em 1950, havia guiado Afrânio dos Santos Coutinho na elaboração de *Aspectos da Literatura Barroca*. Não há, ao contrário do que ligeiramente mais tarde, cerca de 1954, sobressairia na primeira edição da *História da Literatura Portuguesa* de António José Saraiva e Óscar Lopes, vontade de investir e aprofundar o conceito periodológico de *barroco*⁶. Maria de Lourdes Belchior julgou-o demasiado vago para ser útil; demasiado abrangente para servir à «História da Literatura, entendida esta como Arte» (Belchior 1953, p. 445). Repare-se. O problema, de acordo com Maria de Lourdes Belchior, consistia no facto de *barroco* e *arte* poderem afinal ser, não termos coincidentes, mas termos dissonantes. Do seu ponto de vista, na copiosa produção letrada a que chamou *barroca* (abundância que a pesquisa em manuscritos contribuiu, de resto, para acentuar), a arte (a *autêntica* Literatura) reduzia-se a «aflorescimentos [...] de beleza» (Belchior 1953, p. 176):

Ora Frei António das Chagas — um homem e um estilo do século XVII só em parte diminuta — nas páginas dedicadas ao estilo das Cartas Espirituais (e mesmo assim...) — só secundaríssimamente interessa à História da Literatura, entendida esta como Arte. É antes uma «aproximação», um acercamento da mentalidade de seiscentos, através da vida e da obra de um homem representativo da sua época. Neste sentido, Frei António das Chagas — um homem e um estilo do século XVII é obra de história da cultura, mais exactamente, de história da cultura literária (Belchior 1953, p. 445).

Como seria recebida esta tese, a começar pelos académicos incumbidos de sobre ela se pronunciarem? O ainda muito jovem Jacinto do Prado Coelho (nascido em 1920) integrou o júri que discutiu a dissertação, e a biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa possui o exemplar que lhe pertenceu. Um exemplar precioso. Entre as suas páginas,

⁵ Belchior 1953, p. 84, n. 17: «A fazer-se justiça sumária, dir-se-ia, com verdade, dos romances o que o Barbadinho diz dos sonetos: “quase todos são peste”».

⁶ Importa salientar que logo entre a primeira e a segunda edições da obra, os Autores alteraram o recorte periodológico e, assim, o lugar de obras e autores, bem como as relações entre eles consideradas: «A Época Barroca», na estrutura inicial (Saraiva e Lopes [1954]), deu lugar, na «2.ª edição, corrigida» (Saraiva e Lopes [1957]), à «Restauração e Época Joanina». Em 1957, os capítulos denominados «O rastro de Camões» e «Francisco Rodrigues Lobo e a formação do barroco literário» foram retirados da «4.ª Época» e passaram a ser incluídos na «3.ª Época», que em vez do título «O Renascimento» recebeu o de «O Renascimento e a Contra-Reforma». Também o capítulo que na edição de 1954 era dedicado à «Historiografia Barroca» foi sujeito a mudança: em 1957, vem anunciado apenas como «Historiografia».

a cada passo profusa e minuciosamente anotadas, Prado Coelho conservou o rascunho da arguição pública:

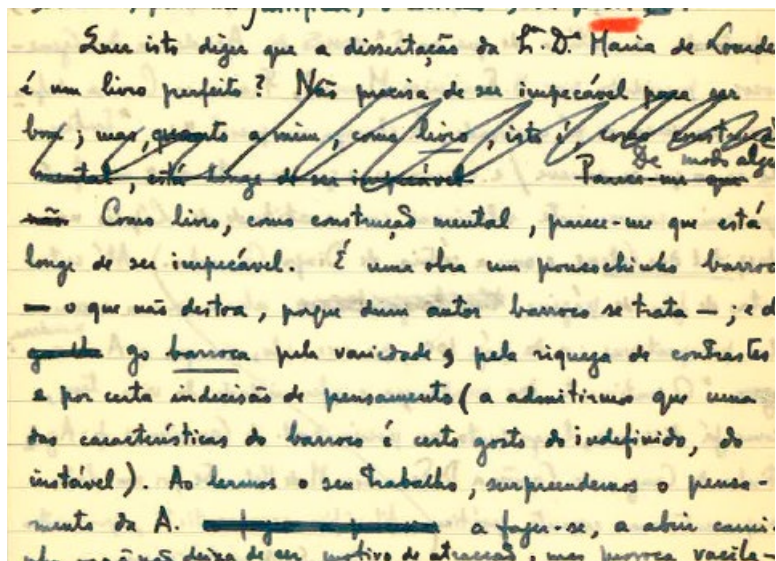


Fig. 1. Fragmento da arguição da tese de Maria de Lourdes Belchior. Folha deixada no exemplar JPC 1720
Fonte: Biblioteca da FLUL

Nada tem de agressivo, este diagnóstico das «vacilações e até contradições» detectadas no «pensamento» de Maria de Lourdes Belchior; é, sim, de leve irónico, na medida em que o arguente insiste em associar à tese, num sentido benigno, o *barroco* que tão pouca confiança inspirava à candidata. Prado Coelho joga com a palavra, decidido a promovê-la, ora como designação de uma transtemporal categoria estética (à maneira de Eugenio D'Ors) ora como designação de um período. São contemporâneos e convivem na mesma Escola, Jacinto do Prado Coelho e Maria de Lourdes Belchior; muito distinto, porém, é o seu olhar sobre a literatura. A clivagem sobressai, não tanto na intervenção pública, onde Prado Coelho mostra algum cuidado de moderação, mas principalmente no contraponto desenvolvido no exemplar da tese, onde se espriam, livres, as reacções à leitura de *Frei António das Chagas — um homem e um estilo do século XVII*.

Maria de Lourdes Belchior, aqui ou ali, lamenta a má fortuna do «século XVII, século tão pouco estudado entre nós, e tão sumariamente mal julgado» (Belchior 1953, p. 177). Jacinto do Prado Coelho comenta: «Sumàriam^{te} o julga a cada passo a A.!» (Belchior 1953, p. 177)⁷. A mesma surpresa, marcada pelo desenho, à margem, de dois grandes pontos de exclamação,

⁷ Todas as citações de comentários de Jacinto do Prado Coelho provêm do exemplar JPC 1720 (FL-ULFL164842) da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

desperta-lhe a frase em que Maria de Lourdes Belchior admite que seria possível organizar «uma admirável antologia poética de seiscentos» (Belchior 1953, p. 177): «Depois do que disse, espanta este “resgate” do séc. 17 português em poesia» (Belchior 1953, p. 177).

A divergência é flagrante. Pergunta Maria de Lourdes Belchior: «Sublimação e agudeza, índices da expressão literária chamada barroca?» (Belchior 1953, p. 138). Jacinto do Prado Coelho replica, como quem desejaria desafiar a interlocutora: «Pergunta; e porque não resposta?» (Belchior 1953, p. 138). De igual modo, na afirmação segundo a qual «o parnaso seiscentista é um Parnaso em crise, instável, em desequilíbrio, retorcido e dinâmico, revolto» (Belchior 1953, p. 179), Prado Coelho adivinha potencialidades altamente fecundas e não resiste a inquirir: «E que é isso de parnaso revolto, dinâmico, em desequilíbrio, etc. se outras vezes a A. fala apenas da futilidade, do artificialismo mecânico dessa poesia?» (Belchior 1953, p. 179).

«Frei António das Chagas fala muito por metáforas, por comparações; dir-se-ia que pensa as coisas, até mesmo as do espírito, por imagens plásticas» — nota Maria de Lourdes Belchior (Belchior 1953, p. 419). Prado Coelho reformula esta impressão, muito modalizada, numa síntese peremptória: «pensamento plástico, por imagens (barroco)» (Belchior 1953, p. 419). Em suma: onde Maria de Lourdes Belchior vê «expressões absurdas» e toma como medida a razão («A língua ductiliza-se, adapta-se às expressões mais bizarras, em sínteses absurdas e insólitas, e aquela prosa já não é uma prosa conceptual, embora não repugne à razão; é um delírio da imaginação», Belchior 1953, pp. 414-415), Jacinto do Prado Coelho resiste: «o absurdo, como o verosímil, parece-me conceito inadequado aqui» (Belchior 1953, p. 415). Onde, numa carta de António das Chagas, Maria de Lourdes Belchior acha um «silogismo», Prado Coelho opta por salientar outro tipo de relação: «Mas o que vemos aqui é o contrário do silogismo: é o pensamento analógico em vez do pensamento lógico» (Belchior 1953, p. 416).

«Parece que certas ideias hoje “no ar” sobre o Barroco (época dramática, pujante, a re-valorizar) são neste ensaio apenas um revestimento (contraditório) duma visão medular^{te} tradicional, logo pejorativa (c/ poucas excepções) do séc. 17 port.» (Belchior 1953, p. 443) — reitera Prado Coelho num dos últimos capítulos («Um século discutido e caluniado»). Logo a encerrar o capítulo III («A obra poética do capitão Bonina») havia registado:

Ora eleva ora deprime a poesia port. de 600; ora fala em mera imitação, futilidade, exercício (sem relação c/ uma nova mentalidade), ora alude ao desengano, à inquietação, à angústia que transparecem em poetas nossos (não cita D. Francisco Portugal ou Tagarro, q viriam a propósito). Não chega a dizer-nos que entende pessoalmente por barroco. Ora parece estimar a poesia feita de palavras, ora condena a poesia (racionalistam^{te}) pela vacuidade ou pelo absurdo (Belchior 1953, p. 180).

Em face do texto de Maria de Lourdes Belchior e das notas acumuladas por Jacinto do Prado Coelho, pensaríamos que os papéis estão trocados: Maria de Lourdes Belchior podia até

dizer que urgia contrariar a ideia negativa construída em torno do século XVII, mas acabava por reforçar esta mesma ideia; a revisão conceptual, é Prado Coelho quem a vai defendendo, disponível para aceitar a especificidade dos códigos poéticos barrocos: «A verdade é que no séc. 17 o salto deformador do sentimento (vivido ou não) para a expressão dele (salto inevitável) era m^{to} maior... A expressão, mesmo sincera, era por imposição de gosto, de cultura, hiperbólica, fictícia, lúdica...» (Belchior 1953, p. 83). «O dinamismo da poesia de 600 reside no desejo de superação do já dito, de ultrapassar a dificuldade, de subir hiperbolicam^{te} ao mais puro e requintado, oco de realidade. Cf. Mallarmé e Pessoa: o poeta é um abstractor» (Belchior 1953, p. 166).

A Maria de Lourdes Belchior (em unísono com Hernâni Cidade) desagradava a «Poesia alheada da vida» (Belchior 1953, p. 166); desagradava a prevalência da maneira de dizer⁸ sobre o que se obstinava em chamar «a sinceridade» do discurso. Maria de Lourdes Belchior amava a *sinceridade das palavras e das acções*, a verdadeira emoção⁹, e essas qualidades encontrava-as especialmente na prosa dos sermões e nas cartas espirituais de Frei António das Chagas:

São escritas com a «alma toda» de um religioso, sincero até às raízes de si mesmo; enervadas pelo seu temperamento irrequieto e impetuoso, que aconselha com ironias, com censuras, com violência. Cartas de direcção espiritual — a maioria delas — revelam o mestre de vida interior, o homem de oração, o conhecedor das almas e da natureza humana ondulante e vária. Homem de um só rosto e de uma só fé, não diz e desdiz; coerente até às últimas consequências, chega a ser teimoso nas suas decisões. As Cartas revelam-no inteiro, em corpo e alma; vemo-lo em S. Francisco de Évora, desenganado do mundo, ainda apegado a fórmulas de retórica e a lantejoulas de estilo, ao escrever à família e aos amigos [...] (Belchior 1953, p. 241).

Ressalta, neste parágrafo, a memória de Montaigne («Certes, c'est un subject merveilleusement vain, divers, et ondoyant, que l'homme»¹⁰) ou a imagem do sábio, anti-cortesão, de Sá de Miranda (Miranda 2021, p. 766)¹¹. Maria de Lourdes Belchior colhe em clássicos textos do século XVI os elogios que aplica a Frei António das Chagas. Sintomaticamente, di-lo «ainda apegado a fórmulas de retórica e a lantejoulas de estilo», como se uma metamorfose salvífica não devesse tardar.

⁸ «Mas, se algumas vezes, se deixava dominar pelo *como* dizer, a sua sinceridade era, contudo, total, e se os períodos e parágrafos lhe saíam da pena construídos, fabricados, é porque lhe estavam na medula da alma aqueles modos de expressão reiterante, martelada mas melódica» (Belchior 1953, pp. 421-422).

⁹ Repare-se neste passo, em que Maria de Lourdes Belchior destaca, na parenética de Frei António das Chagas, «a palavra fluente que lhe vinha do coração»: «Mas era sobretudo a sinceridade das suas palavras e da sua vida, que emprestava força ao sermão» (Belchior 1953, p. 295).

¹⁰ Montaigne 1940, p. 29 (*Essais*, I, 1).

¹¹ Recorde-se toda a quintilha da «Carta a el rei nosso senhor»: «Homem dum só parecer, / dum só rosto e dũa fé, / d'antes quebrar que volver, / outra cousa pode ser, / mas de corte homem não é».

O contexto literário (ou o funcionamento do sistema, se recordarmos a teoria moldada por Itamar Even-Zohar¹²) promoveu o conceito de barroco. Na década de 50, Jean Rousset publicou *La littérature de l'âge baroque en France. Circé et le Paon* (1953) e colóquios universitários deram protagonismo a questões periodológicas que não deixariam Maria de Lourdes Belchior indiferente. Repare-se nos títulos dados a sucessivos trabalhos¹³: «Um prosador da idade barroca: Frei Luís de Sousa biógrafo de Frei Bartolomeu dos Mártires» (1956); «Barroco» (1960); «The Literary Baroque in the Iberian Peninsula» (1965); «História literária e história das ideias estéticas — A teorização do barroco na Península Ibérica. Gracián impugnado por Francisco Leitão Ferreira» (1969). Maria de Lourdes Belchior falara também, em 1959, de um Rodrigues Lobo em alguns aspectos *barroco*, mas sem esconder que a classificação lhe desagradava, declarando-se «impenitente»¹⁴, vencida pela «miserável necessidade de catalogar» (Belchior 1985b, p. 328).

No retrato sintético do verbete «Barroco», traçado para o *Dicionário de Literatura* que Jacinto do Prado Coelho dirigiu, poderia brilhar uma síntese benigna:

Alusões mitológicas, requintadas e brilhantes metáforas, nugas transformadas, pela capacidade dialéctica do verbo, em filigranas de beleza pura, cujo suporte mais corrente é o ritmo do verso e a eufonia das palavras — eis os ingredientes mais comuns da poética barroca (Belchior 1978, p. 92).

A aversão ao que nesta poética é o *ludus* excessivamente formal ou o artifício «deformante» (Belchior 1985b, p. 181); a recusa da «praga de poetas-romancistas, que se exprimem sem freios linguísticos, desbocando-se, às vezes, na alusão grosseira, quando não obscena» (Belchior 1978, p. 92), porém, persistiria na obra de Maria de Lourdes Belchior. Se em 1959 a víamos deplorar «a tentação barroca» (Belchior 1985b, p. 311) que fecha o texto em si, como um narciso deslumbrado perante a sua imagem prodigiosa, vemo-la manter cada palavra, sem revisão nem palinódia, na reedição do *Itinerário poético de Rodrigues Lobo*, em 1985:

Algumas poéticas, fragmentárias, manuscritas e sobretudo a leitura atenta (e fastidiosa!) das composições académicas e de muitas das que os cancioneiros seiscentistas albergaram (não só a Fénix e o Postilhão) permitiriam talvez verificar e demonstrar que

¹² Even-Zohar 1990, pp. 27-44.

¹³ «Um prosador da idade barroca»..., bem como «História literária e história das ideias estéticas»..., foram incluídos em *Os Homens e os Livros* (Belchior 1971). O verbete «Barroco» faz parte do *Dicionário de Literatura* dirigido por Jacinto do Prado Coelho (Belchior 1978). Para uma bibliografia completa, veja-se o inventário preparado por Ernesto Rodrigues e Maria Idalina Rodrigues [1998]: <https://www.instituto-camoes.pt/activity/centro-virtual/bases-tematicas/figuras-da-cultura-portuguesa/maria-de-lourdes-belchior>.

¹⁴ Belchior 1985b, p. 9, n. 2: «Apesar dos usos abusivos da designação barroco, usamo-la ainda, impenitentemente. O seu significado, neste caso, e o mais aceitável, é o de estilo literário ou plástico, com características próprias, vigente nos anos de seiscentos».

aquilo que se tem considerado como poesia barroca, em Portugal, não era senão coisa lúdica e jocosa. A poesia barroco-gongórica ou conceptista teria redundado, por vontade de troça, em poesia verbalista e «equivoquista». Homens muito ocupados, que se distraíam em serões e academias, em exercícios e brinquedos literários, seriam os responsáveis pela degenerescência da autêntica poesia barroca, que só esporadicamente teria dado seus frutos entre nós (Belchior 1985b, pp. 327-328, n. 4).

Maria de Lourdes Belchior não chegou nunca a valorizar o conceito de barroco, nem ao compilar artigos esparsos, em *Os Homens e os Livros — Séculos XVI-XVII*, nem em Berkeley, onde assegurou a cátedra de Jorge de Sena e teve por missão leccionar (honrando a herança de um pioneiro neste debate¹⁵) seminários sobre maneirismo e barroco. A publicação das actas do colóquio que em 1989 organizou em Paris, no Centro Cultural Português (Belchior 1990, pp. 9-10), generosamente atenta aos contributos de figuras como Maria Lucília Gonçalves Pires ou Margarida Vieira Mendes, tão-pouco foi ocasião para um empenhado balanço crítico. Uma ausência significativa, no labor de quem tão lucidamente expôs as suas dúvidas e a sua demanda de rumos no estudo da Literatura.

Sobre as esperanças e a decepção trazidas pela Estilística, bem como sobre as ambições e os limites do Estruturalismo, Maria de Lourdes Belchior pronunciou-se largamente, assumindo a primeira pessoa no que expôs em jeito de franca meditação ou confissão (Belchior 1971, pp. VII-XV). O barroco, enquanto conceito periodológico, não lhe mereceu essa atenção, não a seduziu ou não a convenceu, talvez porque implicasse a inclusão do que lhe repugnava acolher na *Literatura*. Paradoxalmente, tal como iria acontecer com Aguiar e Silva, que afirmava ter procedido a uma descrição histórica da poesia barroca sem dela ter ficado enamorado (Silva 1971, p. X), o que atraía Maria de Lourdes Belchior era o que no barroco existe de mais clássico: o rigor da construção, a ordem da máquina e o seu exacto funcionamento, apreciados como espelho de perfeição ou reverberação do absoluto.

Lembremos *Gramática do Mundo* (1985a). Aí figuram três «Poemas quase barrocos» — uma belíssima lição que, nas suas linhas e entrelinhas, celebra o «xadrez de palavras» (Vieira 1959, t. I, p. 19)¹⁶, não enquanto «coisa lúdica e jocosa», mas como parte essencial da reflexão sobre a eterna (aparente?) antítese entre morte e vida, imanente e transcendente:

¹⁵ Sena, em «Maneirismo e Barroquismo na Poesia Portuguesa dos Séculos XV e XVII», usou palavras duras para lamentar «o juízo maligno desta poesia» (Sena 1980, vol. I, p. 63): «É mais que tempo de ultrapassar todas estas escaramuças em que o aventureirismo historicista, o primarismo político, as modas universitárias, a ignorância do movimento geral das artes europeias, o reaccionarismo intelectual, e pseudo-erudição já representaram suficientemente os seus papéis, obscurecendo os esforços dispersos e contraditórios para compreender-se e apreciar-se uma época, na qual a arte e a literatura portuguesas produziram algumas das obras superiores que as dignificam e as individualizam» (Sena 1980, vol. I, p. 66). No volume *Trinta Anos de Camões*, os editores assinalam: «Uma nota junto diz “acrescentar em «Maneirismo e Barroquismo» melhores referências à M. de L. Belchior» (Sena 1980, vol. I, p. 330).

¹⁶ A expressão, reteve-a Maria Lucília Gonçalves Pires para intitular o seu livro *Xadrez de palavras. Estudos de Literatura Barroca* (1996).

Exercício de Geometria — III

*A quadratura do círculo é o impossível
 Imagem do absurdo e do impensável
 a quadratura do círculo reproduz
 em termos de loucura a harmonia —
 Harmonia surrealista irrealizável?
 Quem diz quadratura do círculo diz
 inviabilidade de tornar o quadrado circular
 ou de fazer circular um perfeito quadrado.
 Até se pode jogar com a palavra circular —
 redondo e circular — andar para verificar
 que um quadrado com ângulos não se pode rolar.
 Animal de mil e um produtos feito:
 minerais e sais, tecido ósseo, adiposo e tantas coisas mais
 Animal carregado de pesos ancestrais
 Inclinado para a terra que firme pisa
 como há-de o bicho homem levantar cabeça
 e olhar como possível a quadratura do círculo?
 É que há uma geometria pedestre e uma
 geometria celeste E se no quadrado humano
 penetrar o círculo divino — a quadratura
 circular torna-se não «lunar» mas
 óbvia, realizável, possível, factível
 Quadratura do círculo... só em termos
 de geometria celeste, muito diferente
 obviamente da geometria pedestre?
 Ou mais uma loucura, na procura
 de ultrapassar a condição terrestre? (Belchior 1985a, pp. 92-93)*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1990. Présentation du Colloque. Em: *Le Baroque littéraire. Théorie et pratiques. Actes du Colloque, Paris, 12-13 et 14 décembre 1989*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian / Centre Culturel Portugais, pp. 9-10.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1985a. *Gramática do Mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1985b. *Itinerário poético de Rodrigues Lobo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1.ª ed.: 1959.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1978. Barroco. Em: Jacinto do Prado COELHO, dir. *Dicionário de Literatura*. 3.ª ed. Porto: Figueirinhas, vol. I, pp. 90-93. 1.ª ed.: 1960.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1971. *Os Homens e os Livros. Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Editorial Verbo.

- BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1965. The Literary Baroque in the Iberian Peninsula. Em: Leon EDEL, ed. *Literary History & Literary Criticism. Acta of the Ninth Congress International Federation for Modern Languages & Literature. Held at New York University, August 25 to 31, 1963*. Nova Iorque: New York University Press, pp. 278-280.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1953. *Frei António das Chagas — um homem e um estilo do século XVII*. Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- BUESCU, Helena Carvalhão, 2001a. Periodização. Em: *Biblos. Enciclopédia VERBO das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa; São Paulo: Editorial Verbo, vol. 4, cols. 61-67.
- BUESCU, Helena Carvalhão, 2001b. Período literário. Em: *Biblos. Enciclopédia VERBO das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa; São Paulo: Editorial Verbo, vol. 4, cols. 67-75.
- CERVANTES, Miguel de, 1958. *Don Quijote de la Mancha*. Texto y notas de Martín de RIQUER. Barcelona: Editorial Juventud. Tomo I.
- COUTINHO, Afrânio dos Santos, 1950. *Aspectos da Literatura Barroca*. Tese de concurso para o provimento de uma cadeira de Literatura no Colégio Pedro II, Rio de Janeiro.
- D'ORS, Eugenio, 1983. *Du Baroque*. Paris: Gallimard. 1.ª ed.: *Lo Barroco*, 1935.
- EVEN-ZOHAR, Itamar, 1990. The «Literary System». *Poetics Today*. 11(1), pp. 27-44.
- MIRANDA, Francisco de Sá de, 2021. *Poesia*. Edição de José CAMÕES, e Filipa FREITAS. Lisboa: Imprensa Nacional.
- MONTAIGNE, Michel de, 1940. *Essais*. Texte établi et annoté par Albert THIBAUDET. Paris: Pléiade.
- PIRES, Maria Lucília Gonçalves, 1996. *Xadrez de palavras. Estudos de Literatura Barroca*. Lisboa: Cosmos.
- RODRIGUES, Ernesto, e Maria Idalina Resina RODRIGUES, [1998]. [Biografia e Bibliografia de] Maria de Lourdes Belchior [em linha]. *Instituto Camões* [consult. 2026-02-11]. Disponível em: <https://www.instituto-camoes.pt/activity/centro-virtual/bases-tematicas/figuras-da-cultura-portuguesa/maria-de-lourdes-belchior>.
- ROUSSET, Jean, 1953. *La littérature de l'âge baroque en France. Circé et le Paon*. Paris: José Corti.
- SARAIVA, António José, e Óscar LOPES, [1957]. *História da Literatura Portuguesa*. 2.ª ed. corrigida. Porto: Porto Editora.
- SARAIVA, António José, e Óscar LOPES, [1954]. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: [Of. Gráf. da Soc. de Papelaria].
- SENA, Jorge de, 1980. *Trinta Anos de Camões. 1948-1978 (Estudos Camonianos e Correlatos)*. Lisboa: Edições 70. 2 vols.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, 1983. *Teoria da Literatura*. 5.ª ed. Coimbra: Livraria Almedina. Vol. I.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, 1971. *Maneirismo e Barroco na poesia lírica portuguesa*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos.
- VIEIRA, Padre António, 1959. *Sermões*. Prefaciado e revisto pelo Padre Gonçalo ALVES. Porto: Lello & Irmão. 15 tomos.